

PRODUTIVISMO ACADÊMICO E PERCEPÇÕES SOBRE QUALIDADE DE VIDA DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFF NITERÓI

Rosane Barbosa Marendino
Universidade Federal Fluminense,
Niterói, RJ, Brasil

Heloíza Carla Cardoso Lisbôa
Universidade Federal Fluminense,
Niterói, RJ, Brasil

Jean Pablo Silva de Lima
Universidade Federal Fluminense,
Niterói, RJ, Brasil

Resumo

Com o objetivo de estimular reflexões sobre a complexidade que envolve o tema referente ao bem-estar dos estudantes universitários, o artigo dedica-se a compreender essa questão junto ao curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em abordagem qualitativa de pesquisa, foram realizadas entrevistas com estudantes de variados períodos do curso, posteriormente submetidas à análise do discurso. Conclui-se que o produtivismo acadêmico – cada vez mais crescente nas universidades – tem se tornado um dos fatores geradores das principais patologias entre os estudantes, afetando, sobretudo, a longevidade escolar.

Palavras-chave: ensino superior; permanência; bem-estar do estudante universitário.

ACADEMIC PRODUCTIVISM AND PERCEPTIONS ABOUT QUALITY OF LIFE BY UFF – NITERÓI PEDAGOGY STUDENTS

Abstract

The aim of the current article is to encourage reflections about the complexity of issues such as the welfare of university students by adopting a qualitative research approach. Interviews were conducted with students attending different semesters of the Pedagogy Course at Education School of UFF. These interviews were subjected to discourse analysis. According to the results, academic productivism, which is constantly increasing in universities, has become one of the factors generating the main pathologies among students and affecting their school longevity.

Keywords: higher education; permanence; well-being of university students.

PRODUCTIVISMO ACADÉMICO Y PERCEPCIONES SOBRE CALIDAD DE VIDA DE LOS ESTUDIANTES DE PEDAGOGÍA DE LA UFF- NITERÓI

Resumen

Con el objetivo de estimular reflexiones sobre la complejidad que envuelve el tema bienestar de los estudiantes universitarios, el artículo se dedica a comprender esta cuestión junto al curso de Pedagogía de la UFF. En un abordaje cualitativo, se realizaron entrevistas con estudiantes de variados períodos, posteriormente sometidas al análisis del discurso. Se concluye que el productivismo académico-cada vez más creciente en las universidades- se ha convertido en uno de los factores generadores de las principales patologías entre los estudiantes y que afecta sobre todo a la longevidad escolar.

Palabras clave: enseñanza superior; Permanencia; bienestar del estudiante universitario.

Vamos falar sobre o adoecimento na universidade?

A questão da saúde e da qualidade de vida do discente universitário tem se tornado um assunto cada vez mais recorrente na atual sociedade brasileira. Com relativa frequência, temos nos deparado com reportagens em jornais – e na mídia em geral – envolvendo episódios nos quais são relatados casos dessa natureza. Fato é que o bem-estar físico e mental desses estudantes se vê cada vez mais ameaçado perante os objetivos impostos pela sociedade e reproduzidos no interior dessas instituições de ensino.

Diante desse fato, a pesquisa em tela se propôs a investigar como essa realidade tem se apresentado nas universidades públicas, mais precisamente no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF), local onde formam-se profissionais da educação e que tem como princípio prezar por um projeto político pedagógico de qualidade e excelência.

Parte-se da indagação sobre a forma como os próprios alunos percebem o conceito de 'bem-estar' e como classificam o 'estado de bem-estar' deles dentro da instituição. Também pretendeu-se compreender se a universidade influencia ou não nos aspectos da saúde e da qualidade de vida dessas pessoas.

Complementando a investigação, houve o interesse em verificar se haveria, dentro da universidade, a disponibilidade para atendimento aos alunos que se encontram fragilizados, debilitados ou doentes por causa das pressões e das vivências do meio acadêmico, levando em conta os variados fatores que geram esse adoecimento.

Durante a pesquisa, foi possível identificar movimentos de estudantes e de professores de diversas universidades em prol da saúde mental. Portanto, considerou-se a importância de apresentar essas ações como mobilizações significativas que têm contribuído para dar destaque ao tema e para encará-lo como um grande problema social que não pode mais ser ignorado.

No subtítulo a seguir, serão esclarecidos alguns pontos do tratamento metodológico. Quanto à fundamentação teórica, vale ressaltar que ainda são escassas as pesquisas nessa temática. No entanto, levaram-se em consideração alguns trabalhos iniciais como os de Assis e Oliveira (2010); Machado e Bianchetti (2011) e Sguissardi e Silva Júnior (2009).

Recorreu-se, ainda, a autores como Bourdieu (2018) e Lyotard (2008) para ajudar na compreensão de um cenário social mais amplo e Zago (2006), Gouveia (1968) e Grignon e Gruel (1999) para a análise dos fatores e da permanência dos estudantes na universidade.

Dando os ouvidos ao outro: para início das conversas

Diante da problemática apresentada, o objetivo da pesquisa compreender quais os principais fatores que têm contribuído para o adoecimento dos discentes do curso de Pedagogia da UFF. Para isso, foi preciso ouvir.

Todo o tempo, a escuta sensível (BARBIER, 1997) esteve ligada à dimensão experiencial dos estudantes, considerando as suas maneiras de viver e de perceber o seu sofrimento e as suas dores.

A escuta sensível é o modo de tomar consciência e de interferir próprio do pesquisador ou educador que adote essa lógica de abordagem transversal (BARBIER, 1998, p. 172).

Dessa maneira, 'ouvir para compreender' exige muito mais do que geralmente é feito. Requer uma sensibilidade maior em relação ao outro e que dificilmente se conseguiria sem que o espaço para o diálogo autêntico existisse.

Sendo assim, buscou-se dar foco às principais reclamações, aos sintomas relatados e às queixas levantadas pelos entrevistados, tentando, dessa forma, capturar as idiosincrasias e o que cada um experimenta a partir da sua própria percepção.

Por se tratar de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, elaborado no contexto de uma disciplina oferecida na FEUFF¹, buscaram-se formas de dinamizar o tratamento metodológico. É importante reforçar esse perfil de iniciação à pesquisa para que os leitores deste artigo não criem expectativas quanto ao absoluto rigor metodológico. Por ter esse caráter introdutório, em um

¹ A referida disciplina é designada como Tópicos Especiais em Sociologia da Educação, oferecida no período de 2017.2 no cronograma da FEUFF.

primeiro momento, o estudo dedicou-se ao levantamento bibliográfico sobre o tema com a finalidade de compreender melhor a problemática da investigação através de referências teóricas já publicadas e que serviram como embasamento para o desenvolvimento do trabalho.

Após esse levantamento bibliográfico, optou-se pela realização de entrevistas guiadas por um roteiro aberto, com foco no conceito de adoecimento construído por esses estudantes. Elas foram gravadas, transcritas, organizadas e sistematizadas para posterior análise do discurso baseada na obra de Orlandi (2005) e Pêcheux (1988).

Para Pêcheux,

A linguagem não é mais concebida como apenas um sistema de regras formais com os estudos discursivos. A linguagem é pensada em sua prática, atribuindo valor ao trabalho com o simbólico, com a divisão política dos sentidos, visto que o sentido é movente e instável. O objeto de apreciação de estudo deixa de ser a frase, e passa a ser o discurso, uma vez que foge da apreciação palavra por palavra na interpretação como uma sequência fechada em si mesma (BRASIL, 2011, p. 172).

Compreender os simbolismos, analisar as subjetividades contidas nas falas e observar o que se apresentava nos discursos foram hermenêuticas que constituíram o foco principal da escuta e da análise da linguagem que, segundo Orlandi (2005), é uma mediação necessária entre o homem e a realidade social. Para essa autora, sempre houve diferentes maneiras de se abordar a linguagem. Entre elas, por exemplo, a que concebe a língua como um sistema de signos ou, então, a que entende a linguagem como um sistema de regras formais. A análise do discurso, porém, entende que a linguagem é a mediação feita pelas práticas discursivas nas quais o homem se insere, sendo capaz de significar e significar-se através delas. O discurso torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do

homem e da realidade na qual vive. A representação da realidade das pessoas, ou seja, do seu cotidiano, é permeada por símbolos e, diante deles, o processo de interpretação se desdobra. Nessa pesquisa, a intenção foi possibilitar que esses símbolos viessem à tona no momento da narrativa e que também pudessem fornecer pistas interpretativas.

O cenário de pesquisa foi a própria Faculdade de Educação da UFF, Campus Gragoatá, situada no município de Niterói – RJ. Os sujeitos do estudo foram os alunos regularmente matriculados no curso de Pedagogia da FEUFF em variados períodos.

A escolha dos entrevistados ocorreu de forma intencional. Buscaram-se alunos que já tivessem manifestado – seja para seus pares ou pelas redes sociais – algum tipo de queixa de saúde ou relatos sobre doenças, com foco psicossomático, após terem ingressado na universidade. O número de entrevistados não estava definido previamente, tendo em vista a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a falar sobre um assunto tão delicado. O que se pôde perceber nessa busca é que geralmente há uma recusa inicial para falar sobre si. Algumas tentativas foram frustradas e outras, bem-sucedidas. Foram contatados 36 estudantes de Pedagogia da UFF encontrados nas redes sociais e/ou identificados em momentos intersticiais. O foco principal era verificar se teriam manifestado, em postagens ou falas específicas, alguma situação de queixa conforme as especificadas no início desse parágrafo.

Dentre aqueles que concordaram com as entrevistas de forma mais aprofundada, seis estudantes se prontificaram. Consideramos que esse número de discentes seria adequado por se tratar, inicialmente, de uma pesquisa breve e mais voltada para um relato de experiência. As entrevistas aconteceram presencialmente, tendo sido gravadas e posteriormente

transcritas. Partia-se de uma pergunta inicial, na qual indagava-se sobre a condição de bem-estar físico e psicológico do sujeito após o ingresso na universidade. Por ser uma entrevista aberta, não havia um roteiro próprio. Ia-se buscando dialogar de acordo com o desenvolvimento da narrativa.

Portanto, compuseram esse quadro um estudante do terceiro período, duas do quinto, um do oitavo, uma do nono e uma recém-egressa. Todos eles, discentes do curso de Pedagogia na UFF². Ao longo do texto, as narrativas serão apresentadas e contextualizadas.

Sobre produtivismo acadêmico: por que fazemos mais do que queremos e mais do que podemos?

Produtivismo é a produção de uma grande quantidade de algo que, nesse caso, podemos querer fazer ou não. Bourdieu (1976, p. 31 e 2004) já indagava sobre isso ao formular a pergunta que dá nome a esse subtítulo. Essa pergunta é um bom início de reflexão e pode trazer à tona a crítica das condições históricas do trabalho nas instituições de ensino superior brasileiras. Essas críticas muitas vezes são pautadas em denúncias sistemáticas e em iniciativas de combate ao produtivismo, à cultura individualista e ao mercantilismo, os quais têm assolado a universidade.

No que se refere ao meio acadêmico, o produtivismo exacerbado é então explicado pela grande produção de trabalhos acadêmicos exigidos dentro da universidade, demanda que afeta os discentes e os docentes. Ambos são a todo tempo pressionados com as cobranças dos prazos. Essa grande demanda tem se tornado uma das maiores queixas dos alunos e dos professores

² Os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa foram informados dos objetivos e da preservação do anonimato, portanto, não serão divulgadas quaisquer informações pessoais. Optou-se por usar letras para identificar cada sujeito participante.

universitários na atualidade. O produtivismo acadêmico foi erigido a “fetiche-mercadoria-conhecimento” (TREIN e RODRIGUES, 2010, s/p) e, segundo Machado e Bianchetti

(...) transformou os intelectuais em estressados, medicados, eficientes operários de alto padrão, seres "sem tempo" para a principal atribuição: analisar com rigor crítico a complexidade dos processos em curso (naturais ou sociais), possibilitando descortinar a lógica subjacente que comanda o espetáculo da história (MACHADO e BIANCHETTI, 2011, s/p).

No caso dos estudantes, parece que essa situação se agrava: além da exagerada produção de trabalhos, há também a pressão por notas boas, a falta de preparo para o que é exigido na universidade, os prazos curtos, as dificuldades com os programas de assistência estudantil, a preocupação com o futuro profissional, a falta de compreensão de certos docentes e, na grande maioria das vezes, a falta de tempo para dar conta tudo isso e ainda conciliar essas atividades com o trabalho. Todos esses fatores unidos têm resultado em um grande quantitativo de evasões, de doenças físicas e mentais, em um alto índice de estresse e, nos casos mais graves, em suicídio.

Apesar dos avanços nas questões de assistência estudantil – que visam a facilitar não só o acesso, mas a permanência nas universidades públicas – muitas vezes esses programas não são eficientes ou não são suficientes na maioria das vezes, pois não atendem às demandas de todos os estudantes.

Minha família não tem condições, então além de estudar, eu preciso trabalhar para me manter. A faculdade é pública, mas o transporte e alimentação, por exemplo, não são. Eu moro longe, o BusUFF é uma conquista, mas ele não vai me buscar em Ramos, então eu gasto muito dinheiro de passagem, tenho que trabalhar pra arcar esses custos. E te falar: não é fácil trabalhar e estudar, essa jornada dupla é tensa demais! Muitas vezes eu não dou conta, não tenho tempo pra dar conta. Já era pra ter me formado desde 2015, mas não dei conta. Por conta de toda essa pressão da academia, mais trabalho e problemas pessoais que a gente tem pelo caminho, eu tive uma depressão grave, e por pouco não desisti disso aqui. Porque o curso é tido como parcial, mas não é isso que

parece, parece que você tem que se dedicar 24 horas apenas à faculdade pra conseguir concluir. O currículo te cobra isso” (trechos depoimento de J, aluna que não conseguiu concluir no tempo “certo” - UFF).

A narrativa dessa estudante não está distante do que acontece em várias universidades do país. No seu relato, a frase '*o currículo te cobra isso*' evidencia que essa cobrança não consegue conviver com as necessidades cotidianas que estão para além das tarefas da faculdade. O aluno não é só um aluno. Ele vive outras condições e está inserido em outros espaços. Há diversos elementos constitutivos dessas trajetórias de vida. Alguns estudos, como o de Grignon e Gruel (1999), apresentam um detalhamento de vários aspectos da condição do estudante: financiamento dos estudos, moradia, transporte, alimentação, saúde, condições e hábitos de trabalho, relações com o meio de origem e com o meio estudantil, cultura e lazer. A vida do aluno é permeada de situações com as quais ele precisa lidar. A autora Nadir Zago aponta em seu artigo intitulado '*Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares*':

O tempo investido no trabalho como forma de sobrevivência impõe, em vários casos, limites acadêmicos, como na participação em encontros organizados no interior ou fora da universidade, nos trabalhos coletivos com os colegas, nas festas organizadas pela turma, entre outras circunstâncias. Vários estudantes se sentem à margem de muitas atividades mais diretamente relacionadas ao que se poderia chamar investimentos na formação (congresso, conferências, material de apoio). (ZAGO, 2006, p. 235).

Muitos fatores podem fazer parte da rotina de vida desses estudantes e não devem ser negados. Precisam conviver com as tarefas acadêmicas. No depoimento de J., pode-se perceber o quanto é penoso lidar com essas questões e adiar, ou seja, estender a sua permanência na universidade. Muitas vezes, “refugiar-se no isolamento é a saída encontrada” (ZAGO, 2006, p. 235).

A título de ilustração, apresentamos dados que mostram que apenas na UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) houve 22 tentativas de suicídio nos últimos cinco anos. Esses números, extraídos da reportagem do jornal O Estadão (2017), mostram o quão alarmante é a situação.

Nas universidades federais de São Paulo (Unifesp) e do ABC (UFABC), cinco estudantes concretizaram o ato no mesmo período. Um levantamento feito pela UFABC mostrou que 11% de seus alunos que trancaram a matrícula em 2016 fizeram por problemas psicológicos (Cambricoli e Toledo, 2017). A falta de compreensão de parte dos docentes foi uma das principais queixas apontadas na referida pesquisa.

Para o psicólogo André Luís Masieiro, do Departamento de Atenção à Saúde da UFSCar, essas questões psicológicas estão frequentemente ligadas à exigência constante feita aos jovens. "Sem dúvidas há um aumento do fenômeno da depressão em universitários. A ameaça do desemprego e do fracasso profissional são fatores desencadeantes de depressão." (Cambricoli e Toledo, 2017, p.4).

No curso de Pedagogia da FEUFF, os dados encontrados não foram muito diferentes dos vistos em outros estados.

Uma reclamação recorrente na fala da maioria dos sujeitos da pesquisa foi o quanto eles sofreram para se adaptar ao ambiente universitário. Revelam, ainda, como grande parte dos professores parece insensível à transição do ensino básico para o superior, visto que o Ensino Médio não prepara para a vida na universidade.

A gente passa por uma pressão absurda pra conseguir entrar numa universidade federal como a UFF, mas esse não é o grande problema. Os professores acham

que a gente tem que chegar aqui pronto. Cobram trabalhos que eu nem sabia que existia, e cada um com um nome diferente, e querem que esteja perfeito, cobram qualidade. Mas pô (*sic*), eu não aprendi a fazer isso, e eles não fazem a menor questão de ensinar. A gente tem que se virar e aprender na marra.” (Trecho do depoimento de F, aluna do 8º período).

Essa queixa é muito recorrente e afeta a qualidade de vida por parte dos estudantes. Quando a aluna revela que *'não aprendeu a fazer isso'*, podemos perceber essa ruptura de ambientes de formação e, por outro lado, um acolhimento inadequado da universidade.

Parece que eles têm prazer em reprovar, e a gente se sente humilhado, burro (*sic*) e muitas vezes incapaz de estar cursando uma universidade de tanto renome (trecho do depoimento de B, estudante do 5º período).

O discurso de que a universidade pública deve ser o lugar de construção do conhecimento, do pensamento crítico e do aprendizado é, muitas vezes, questionado pelos alunos, pois eles se sentem acuados, pressionados e desestimulados. Há relatos de estudantes que recorrem aos medicamentos para conseguir lidar com essa pressão do produtivismo e da busca acirrada pelo cumprimento das tarefas. Ainda nos idos de 1960, Gouveia (1968, p. 232) aponta que “qualquer tentativa de democratização do ensino superior será inócua enquanto persistirem as desigualdades existentes nos níveis anteriores, primário e secundário”.

Em outros relatos colhidos, também podemos perceber que a exigência da produtividade surge como fator de estresse e até mesmo de evasão, como abaixo:

Eu sinto como se tivesse que pensar como cada um dos professores, porque às vezes eles não querem que a gente responda ou debata sobre o que a gente pensa ou aprendeu, eles querem que a gente faça do jeito deles, e isso é muito difícil, porque são vários, e cada um quer uma coisa de um jeito. Ah, outra coisa: não importa se você trabalha, mora longe, tem casa pra cuidar, etc., eles simplesmente não entendem, parece que a nossa vida é só isso aqui. Você tem

que ler tudo, tem que entregar o trabalho no prazo, independente se você está bem ou não, o que vale é que cumpra os prazos. Eu sofro muito por isso, porque sempre me cobrei o melhor, mas acontece que eu nem sempre dou conta, porque é muita coisa. Desde o 6º período eu tomo remédio, porque estava tendo crise de ansiedade. Eu já pensei inúmeras vezes em desistir, só estou aqui porque tenho uma família que me apoia, e é o meu sonho.” (trecho do depoimento de N., estudante do 9º período).

Dessa forma, parece que a produção de trabalhos, de leituras e de provas passa a ser apenas um agente de avaliação, não importando o processo de aprendizagem e de produção do conhecimento que dela pode ser extraído. Parece-nos que a academia perde sua autonomia e sua autenticidade e, ao invés de cumprir seu papel de forma libertadora, desconstrói e/ou reforça as desigualdades impostas pela sociedade em que vivemos.

O saber perde então a sua condição de “valor de uso” e passa a ser avaliado como algo que existe para ser vendido e que também existe para ser consumido com vistas a uma nova produção. Fornecedores e usuários do conhecimento passam a ter uma relação com o saber como “valor de troca”. O seu valor é determinado por uma realidade extrínseca a ele; ele é, segundo a definição clássica, a expressão do trabalho humano socialmente necessário para produzi-lo. (...) o saber tornou-se a principal força de produção.” (SANTIAGO, apud LYOTARD, 2008, p. 129.).

Porém, vale ressaltar que tais comportamentos não atingem a todos os docentes e alguns são vistos como ajudadores, estimuladores e exemplos nesse processo de formação, em que o resultado mostra-se mais efetivo porque construído em parceria.

É verdade que eu me sinto desestimulada pela grande maioria, mas eu prefiro me apegar aos que têm coisas pra somar nesse processo, que me acrescentam e com certeza levarei um pouco desses para a minha prática. (trecho do depoimento de F, aluna do 8º período).

Assim, analisando os dados e relatos dos estudantes, percebemos que o problema é grave. dessa forma, é necessário que os órgãos responsáveis deem atenção às questões trazidas para que não vejamos os dados

alarmantes de doenças, de evasões e de suicídios subirem ainda mais. A universidade precisa ser vista como lugar onde transitam pessoas que devem ser tratadas e olhadas de acordo com as suas necessidades e especificidades.

É necessário que haja mais humanidade, sensibilidade, compreensão e parceria de todas as partes envolvidas nesse processo para que o âmbito da universidade seja lugar de troca de experiências e de conhecimento e que essas permutas se deem de forma prazerosa, e não como a reprodução de uma sociedade maçante e excludente como a que vivemos. Como ressaltam Grignon e Gruel (1999, p. 2): “A vida dita material não impõe somente limites práticos à atividade estudantil; ela intervém moralmente no conjunto da vida intelectual [...]”. É preciso compreender esse aspecto tão subjetivamente revelado nos discursos.

E onde entram os programas de assistência estudantil e os seus efeitos?

Os auxílios e os programas de assistência estudantil foram elaborados pela universidade para dar subsídio e suporte, principalmente, à vida cotidiana dos alunos de baixa renda matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior e assim minimizar o percentual de evasão e de abandono, como consta no Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010 do Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES).

Como nos mostra Vasconcelos:

A assistência estudantil, enquanto mecanismo de provimento de um direito social tem como finalidade prover os recursos necessários para transposição dos obstáculos e superação dos impedimentos ao bom desempenho acadêmico, permitindo que o estudante se desenvolva perfeitamente bem durante a graduação e obtenha bom desempenho curricular, minimizando, dessa forma, o

percentual de abandono e de trancamento de matrícula “(VASCONCELOS, 2010, p. 609).

A UFF, através da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES), órgão responsável pela gestão das políticas sociais no interior da universidade, oferece aproximadamente 1700 bolsas de assistência estudantil e desenvolve os seguintes programas e serviços:

- **A moradia estudantil:** o público-alvo são os alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica regularmente matriculados nos cursos de graduação presencial e residentes em locais situados a distância mínima de 32 km da unidade. A medida está em conformidade com o Decreto nº 7.234 de 19 de julho de 2010, o qual dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Atualmente possui capacidade de 314 (trezentos e quatorze) vagas e a seleção dos moradores é constituída de quatro etapas contidas em edital específico: análise do cadastro socioeconômico, entrevistas, visitas domiciliares e exame médico.
- **Apoio Transporte:** concede benefício financeiro mensal aos estudantes matriculados nos cursos de graduação presencial para arcar com as despesas diárias com o deslocamento em transporte coletivo entre a sua residência e a Universidade.
- **Restaurante Universitário:** oferece almoço e jantar para todos os alunos regularmente matriculados no curso de graduação presencial da UFF por um valor simbólico de R\$ 0,70.
- **Bolsa acolhimento para alunos ingressantes:** auxílio financeiro para os estudantes ingressantes nos cursos de graduação presencial que apresentem situação de vulnerabilidade socioeconômica, visando a sua

manutenção na Universidade. Atende apenas o discente devidamente matriculado no primeiro período do curso de graduação presencial da UFF.

- **Bolsa alimentação:** recurso financeiro para estudantes ingressantes nos cursos de graduação presencial que apresentem situação de vulnerabilidade socioeconômica. O objetivo é ajudar na manutenção desses alunos na Universidade. Atende apenas o discente devidamente matriculado no primeiro período do curso de graduação presencial da UFF.
- **Bolsa de Apoio Emergencial:** concedida ao estudante que, por algum motivo momentâneo e inesperado, necessite de um auxílio financeiro para permanecer na Universidade. A Bolsa visa a atender ao discente regularmente matriculado em disciplinas de cursos de graduação presencial, de acordo com a Norma de Serviço Nº 564, de 11 de janeiro de 2006.
- **Bolsa de Desenvolvimento Acadêmico:** visa a integrar as ações de apoio socioeconômico ao acadêmico, a fim de contribuir para o pleno desenvolvimento dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica e de garantir a sua permanência e a sua conclusão na Educação Superior.
- **Auxílio Creche:** concede apoio financeiro mensal para auxiliar nas despesas com creche e prestação de serviço similar³ para estudantes matriculados em cursos de graduação presencial com filhos em idade de Educação Infantil (zero a seis anos incompletos).

³ Dados extraídos do site da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES), disponível em <http://www.uff.br/?q=grupo/assuntos-estudantis>.

De acordo com os programas e os serviços expostos, fica evidente o esforço da PROAES/UFF em atender à demanda dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica no que diz respeito às questões econômicas objetivas como a alimentação, a moradia, o transporte etc. Todavia, vemos que o número de bolsas é insuficiente para atender o número de discentes, já que atualmente a UFF tem aproximadamente 49.000 alunos de graduação⁴.

Além disso, sabe-se que, mesmo com a existência dessas propostas assistencialistas, o seu funcionamento não é garantido. Os alunos estão se deparando com a precariedade da moradia estudantil: há falta de manutenção, presença de entulhos na área externa, falta de luz e de água e problemas com as goteiras e com as poças nos alojamentos quando chove. No entanto, vale ressaltar que a moradia estudantil foi uma conquista que se concretizou recentemente, após muitos anos sem esse serviço.

O restaurante universitário (RU) também passa por problemas que vêm de longa data, embora tenha ocorrido uma melhoria significativa dos serviços nos últimos cinco anos. Vale lembrar que as atividades do RU são terceirizadas e depende das circunstâncias de trabalho desses funcionários. Um dos principais problemas é a sua capacidade espacial: por não comportar a crescente demanda dos alunos, cria filas enormes para ter acesso ao seu interior.

A integridade mental e física dos estudantes acaba sendo comprometida, porque, além de se preocupar com as disciplinas, com as demandas textuais e com as produções dos trabalhos acadêmicos, ainda precisam conseguir sobreviver a todos esses desafios que comprometem a sua permanência e, mais ainda, a sua saúde. A qualidade de vida desses alunos não acompanha e não se equipara a intensa rotina sofrida por eles. Por isso, cada vez mais o

⁴ Dados extraídos do portal A UFF em números. Disponível em <http://www.uff.br/?q=uff-em-numeros-0>

número de discentes que buscam acompanhamento médico se intensifica conforme os períodos vão passando.

Acho que essas questões objetivas, como a da moradia, do transporte e da alimentação pesam muito na nossa permanência, ou melhor a falta ou a precariedade dessas assistências acaba contribuindo para o adoecimento dos alunos, porque nós temos que dar conta de ler todos aqueles textos, fazer os trabalhos e ainda sim procurar uma forma de ganhar algum dinheiro pra se manter e isso é desgastante demais e acaba comprometendo a nossa saúde, têm momentos que eu acho que eu não vou dar conta, que eu vou surtar (Trecho do depoimento de G, 3^o período).

Ao analisar os serviços e os programas de assistência ofertados pela PROAES/UFF, fica evidente que essas políticas ainda não contemplam integralmente a questão da saúde dos estudantes. Os serviços de saúde oferecidos pela universidade, como o atendimento médico, o odontológico e o psicológico, são abertos a toda comunidade, mas a oferta de vagas ainda é muito limitada. Consequentemente, muitos deles não conseguem atendimento, o que pode afetar a permanência dos alunos com algum tipo de problema psicológico. Vemos na própria fala dos estudantes a necessidade de ter políticas de assistência à saúde voltadas para o corpo discente:

Eu acho que deveria ter algum tipo de auxílio em relação à saúde mental dos estudantes, seria muito importante também ter grupos de apoios, acho que seria muito bom pra quem sofre de ansiedade, depressão, acho que ajudaria porque você percebe que não tá sozinha nessa, sabe? Às vezes parece que só você estar passando por aquilo, sofrendo, mas na verdade uma pessoa ali na sala ao lado pode tá na mesma situação ou numa situação pior que você [...] Acho importante também que a universidade, enquanto instituição tenha um controle maior em relação a saúde dos estudantes depois do ingresso na faculdade, porque cada vez mais os alunos têm adoecido na universidade.” (Trecho do depoimento da aluna L, 5^o período).

Torna-se evidente, portanto, que as condições objetivas e econômicas somadas à falta de assistência psicológica podem afetar diretamente a permanência dos alunos.

A partir da elaboração de projetos de assistência, de prevenção e de capacitação na área de saúde mental, a universidade poderia oferecer aos estudantes, aos professores, aos técnicos administrativos e aos funcionários as oportunidades para um pleno desenvolvimento social e acadêmico.

Concordamos com Assis (2010) quando diz que existe para Universidade brasileira “um longo caminho na busca pela concretização de um programa assistencial completo, integral e que reflita as belezas e riquezas da vida universitária e a importância de seus estudantes” (ASSIS, 2010, p.174).

Mobilização das universidades e dos estudantes em prol de uma política de assistência integral

Em alguns estados brasileiros, existem universidades que se importam com a saúde mental dos seus alunos e estão se mobilizando para trazer à baila um assunto que até então não era discutido, debatido e nem mesmo questionado por elas.

Ao acessar a universidade, alguns alunos demonstram não estarem ainda preparados para esse novo ambiente e encontram grandes dificuldades em se adaptar ao desconhecido e à nova rotina. As exigências dos cursos, as provas, os estágios, a pressão sobre o futuro, o mercado de trabalho, todas essas são questões que surgem logo de imediato.

Portanto, algumas campanhas aparecerem após a observação de diversas situações de vivências expressas pelos estudantes universitários que são atendidos principalmente nos serviços de Psicologia.

Como foi demonstrado anteriormente, algumas pesquisas já têm apontado que o meio acadêmico causa sofrimento devido às exigências dentro de um sistema que culpabiliza o sujeito. Os alunos se acostumam com uma realidade de abdicação do seu sono, do seu lazer e da sua qualidade de vida, não refletindo adequadamente sobre a gravidade que circunda essas situações.

Estão destacados, em especial, alguns movimentos, campanhas e eventos cujo objetivo principal é o de promover um debate responsável sobre as questões e as posturas tomadas pela universidade.

Um deles trata-se do movimento denominado “Não é normal UFV”⁵ que teve início nas redes sociais. Ele abriu um diálogo pautado na legitimidade das manifestações estudantis. A Ouvidoria da instituição tornou-se o canal para que as denúncias se formalizassem e fossem apuradas, resguardando, evidentemente, o sigilo dos alunos. O objetivo principal das atividades seria o de promover um debate sobre as questões e as posturas tomadas pela universidade, as quais prejudicam o desempenho e a saúde dos estudantes de alguma forma.

Tomando como pano de fundo a conjuntura da crise, os graves índices de desemprego, o sucateamento da educação e da saúde e a retirada de direitos dos cidadãos, o projeto 'Não é Normal UFV' parte do princípio que o adoecimento mental tem aumentado em níveis bem consideráveis e os estudantes estão entre os segmentos mais afetados.

Percebendo que esse é um debate que não tem sido feito efetivamente, a motivação da proposta foi a de incentivar denúncias e elaborar apontamentos para alcançar uma solução aos problemas tão presentes na vida dos estudantes.

⁵ Um dos endereços nos quais se pode obter mais informações é o da rede social Facebook, disponível em <https://www.facebook.com/events/451338761868270/>

Através da *hashtag* #NãoÉNormalUFV, centenas de alunos estão relatando nas redes sociais diversas situações vividas ou presenciadas por eles e que causam desconforto, mal-estar e podem ser consideradas como diversos tipos de abusos.

Algumas universidades, principalmente as mais tradicionais, têm por costume nada saudável abafar muito casos de violência e de abuso. Além disso, os poucos mecanismos institucionais que recebem denúncias se mostram um tanto despreparados e são vistos com grande desconfiança entre os estudantes. Nesse sentido, criou-se a *tag* para denunciar e para dar publicidade ao que tem ocorrido de forma coletiva, criando uma rede de motivação.

Os idealizadores do projeto afirmam em sua página que o movimento conta com a adesão de alunos de outras universidades e que muitos relatam situações semelhantes nas instituições de ensino em que estudam.

Outro movimento que interessa destacar acontece na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Lá foi criado um evento que acontece todo mês de setembro: 'Setembro Amarelo na UFRRJ – Rurálinos pela vida'. Trata-se de uma atividade que visa a motivar para valorização da vida, para a promoção e para a prevenção da saúde, além de problematizar questões referentes ao sofrimento psíquico que pode levar ao suicídio de discentes.

Nesse evento, há a participação de vários profissionais envolvidos e de alguns membros da Administração Central da Universidade: Reitoria, Pró-Reitoria de Assuntos Administrativos, Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, Pró-Reitoria de Extensão, coordenadora geral do Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFRRJ (Sintur-RJ), coordenadora geral do Diretório Central dos Estudantes

(DCE) da UFRRJ e representantes da comissão organizadora do evento Setembro Amarelo na UFRRJ. O destaque importante dessa proposta está na relevância do evento como uma oportunidade de desmistificar a visão comum sobre saúde mental e da necessidade de ter o conhecimento a fim de preparar a comunidade para lidar com esse tipo de situação.

O objetivo de realizar o Setembro Amarelo na Rural foi conscientizar e mostrar dados que chamem a atenção da comunidade e das instituições sobre o assunto, bem como demonstrar que é possível prevenir. Decidimos promover o evento para encorajar as pessoas a procurar ajuda em serviços de saúde mental (Afirmção da psicóloga Maria Araújo, setembro de 2017, disponível no Informativo da UFRRJ, nº 13).⁶

A equipe da Divisão de Saúde, através do trabalho de duas psicólogas e de uma assistente social, atua junto a grupos de acolhimento para ruralinos. De acordo com a necessidade, as profissionais selecionam os estudantes para atendimento individual. Os encontros acontecem semanalmente no campus Seropédica e enfatizam a necessidade de a Universidade falar abertamente sobre saúde mental. No mês de setembro, a campanha intensifica e são disponibilizadas informações através de vários canais e mídia.

Um terceiro projeto encontrado por essa pesquisa acontece na Universidade de São Paulo (USP). Tal iniciativa partiu de uma Frente Universitária da Saúde Mental⁷ (FUSM) que afirma lutar por instalações e manutenção de serviços de acolhimento nas faculdades, de modo que, caso algum aluno precise, tenha algum lugar de acolhimento. O grupo defende ainda uma mudança curricular que tenha como uma de suas diretrizes a saúde mental do aluno.

A FUSM é um grupo autogerido que hoje conta com a participação de acadêmicos dos cursos de Direito USP, de Medicina da Santa Casa de São

⁶ https://portal.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/09/RS_13_2017.pdf

⁷ <https://www.facebook.com/frentedesaudemental/>

Paulo, de Medicina USP, de Psicologia USP e da Politécnica USP. São alunos de diferentes realidades que lutam para quebrar estigmas da saúde mental e que acreditam que juntos é possível construir uma universidade melhor para todas e todos. Foram criadas páginas em diversas redes sociais e reuniões quinzenais abertas ao público. Nessas reuniões, há sempre um tema da saúde mental em debate.

Na UFF, esse tema tem começado a ser discutido, já que é evidente o crescimento de relatos de alunos afetados por doenças mentais, sintomas de estresse, pensamentos de evasão, dentre outros. Foi possível perceber, na escuta feita aos estudantes de Pedagogia, que diversos são os motivos. Dentre eles, o que se evidenciou mais recorrente nas falas colhidas foi o do produtivismo acadêmico que, juntamente com as condições econômicas e a falta de políticas assistenciais, têm afetado fortemente os discentes.

Visando a favorecer o estado e a condição de permanência dos estudantes, alguns laboratórios de apoio ao aluno têm sido experimentados, com a consolidação de alguns outros. Dentre esses, é possível citar o Projeto Sensibiliza UFF (Divisão de Acessibilidade e Inclusão). Esse setor trabalha com plantões de assistência e com atendimento bilíngue (Libras e Português) para os alunos surdos e demais membros da comunidade acadêmica que necessitem de informações e orientações pelo setor de inclusão da Universidade⁸.

As experiências aqui trazidas mostraram a necessidade de iniciativas que contemplem as questões relacionadas ao bem-estar e à qualidade de vida do estudante. Certamente, haverá muitas outras. Contudo, a intenção foi a de apontar a potência que essas iniciativas e essas propostas possuem e também

⁸ Mais informações disponíveis no blog <https://sensibilizauff.wordpress.com/>

a forma como podem contribuir para amenizar os índices de adoecimento psíquico, de mal-estar e de desistência dos universitários.

Reforça-se que essa lógica contemporânea do imediatismo e do apressamento, muito presente no contexto universitário, aparece como um dos grandes responsáveis pelo adoecimento psíquico. O individualismo que ela traz dificulta a criação de redes de apoio, já que o indivíduo não enxerga o outro com uma visão diferente da sua. Os trabalhos acadêmicos que já tem discutido essa questão apontam para essa hipótese. Portanto, o esforço, no sentido de soluções criativas, possíveis e efetivas, precisa ser feito.

É preciso estar atento e forte: considerações finais

Compreende-se que o período atual de regulação do capitalismo traz consigo um panorama cheio de exigências diferenciadas, de demandas e de desafios à educação e, de forma peculiar, à superior, incluindo aí os processos de internacionalização e de globalização da economia. Nesse sentido, Chauí (2001) aponta que a universidade, como entidade administrativa, descaracterizada de sua função social e autoavaliativa, torna-se uma instituição que se pauta nas noções de produtividade, estruturada por estratégias de eficácia organizacional. As exigências mercadológicas são muitas e regulam as relações entre os atores sociais, assim como seus desejos, suas expectativas, suas motivações, suas emoções. É mais do que necessário que ela busque atuar de forma que o ensino, a pesquisa e os serviços de extensão atendam às exigências de uma nova maneira de ser e de estar no mundo, enfrentando problemas atuais da estrutura socioeconômica que está posta.

Sendo assim, a produtividade acadêmica se transforma em uma mola propulsora que tende a colocar a universidade à mercê do mercado, mediante

os programas de incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento que beneficiam as empresas de capital nacional e internacional (SGUISSARDI, SILVA JÚNIOR, 2009).

Porém, é necessário ressaltar que, diante de uma extensa lista de fatores que tendem a atormentar a saúde mental dos estudantes, de certo também não será a sua única causa. Dessa forma, se políticas de assistência à saúde mental dos discentes fossem implementadas, provavelmente haveria alunos que buscariam esse tipo de apoio por diversos motivos. Atendimento clínico gratuito, grupos operativos e reuniões de assistência ao alunado debilitado, além de monitorias eficazes para sanar dúvidas, campanhas e movimentos coletivos podem ser opções para auxiliar na recuperação deles.

É necessário também que seja feito um levantamento de dados para que haja um estudo sobre os métodos pedagógicos aplicados aos estudantes e como eles correspondem ao ensino, uma vez que alegam falta de ânimo e dificuldade no entendimento das disciplinas.

Mesmo não havendo ainda toda a atenção necessária aos universitários, o simples fato de levantar a questão de que doenças mentais têm alcançado os estudantes da UFF talvez já seja o passo inicial para criarmos um ambiente favorável ao desenvolvimento acadêmico de propostas possíveis.

Por se tratar de uma abordagem com viés interdisciplinar e de uma pesquisa breve, não foi possível aprofundar outros aspectos, como o fato do sofrimento psíquico também ser decorrente do processo de ascensão social a um espaço historicamente dominado pelo *ethos* de uma elite social (tão comum no caso das universidades brasileiras).

Autores como Pierre Bourdieu já identificaram os efeitos da cultura de classe prevalente nas instituições de ensino. No campo dos estudos raciais, há também literatura significativa sobre o tema e que engloba autores brasileiros clássicos, como Costa Pinto e Florestan Fernandes, na análise sobre os dramas que atormentam pessoas negras em trajetória de ascensão. Da mesma forma, discussões nessa direção também podem ser identificadas nos estudos sobre saúde coletiva.

Porém, essa pesquisa ateve-se a uma escolha epistemológica pautada em uma hipótese sobre os efeitos do produtivismo acadêmico, apontando a relevância que essa questão possui ao refletirmos sobre a permanência dos estudantes na universidade.

Referências

ASSIS, Aisllan Diego de; OLIVEIRA, Alice Guimarães Bottaro de. Vida universitária e saúde mental: atendimento às demandas de saúde e saúde mental de estudantes de uma universidade brasileira. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis - Santa Catarina, Brasil, 2010.

BARBIER R. *L'approche transversale, l'écoute sensible en sciences humaines*, Paris, Anthropos, coll. Exploration interculturelle, 1997.

_____. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, P. 168-99.

BRASIL. Decreto n. 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil — PNAES. Disponível em: . Acesso em: 18 nov. 2017.

BRASIL, L. L. Michel Pêcheux e a teoria de análise do discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Rev. Linguagem – Estudos e Pesquisas* – vol. 15, nº 01, p. 171 – 182, jan/jul 2011.

BOURDIEU, P. O campo científico. Traducción de Alfonso Buch, revisada por Pablo Kreimer. *Actes de la recherche en sciences sociales*. n. 1-2, 1976.

Disponível em

http://www.4shared.com/get/WqzWcmTa/O_Campo_Cientfico_Pierre_Bour.ht ml. Acesso em: 02.02.2018

_____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2004.

CHAUÍ, M. de S. *Escritos sobre a Universidade*. São Paulo: UNESP, 2001

Estadão - Aumento de transtornos mentais entre jovens preocupa universidades. Fabiana Cambricoli e Luiz Fernando Toledo, *O Estado de São Paulo*, 16 Setembro 2017. Disponível em:

<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,aumento-de-transtornos-mentais-entre-jovens-preocupa-universidades,70002003562>. Acesso em: 18.11.2017

GRIGNON, Claude; GRUEL, Louis. *La vie étudiante*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

GOUVEIA, Aparecida J. Democratização do ensino superior. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 50, n. 122, p. 232-244, out./dez. 1968.

LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MACHADO, Ana Maria Netto; BIANCHETTI, Lucídio. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. *Rev. adm., empres.*, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 244-254, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902011000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902011000300005>.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Pontes, 1988

SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. dos R. *Trabalho intensificado nas federais: Pós-graduação e produtivismo acadêmico*. São Paulo: Xamã, 2009.

TREIN, E; RODRIGUES, J. *O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento e a mercadoria*. Caxambu, MG. Trabalho apresentado no GT 9 da ANPEd, *Reunião Anual de 2010*.

VASCONCELOS, Natalia B. Programa Nacional de Assistência Estudantil: uma análise da evolução da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. *Ensino Em-revista*, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 599-616, jul./dez. 2010.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percurso de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, 2006, vol. 11, n. 32, p. 226-237.

SOBRE OS AUTORES

ROSANE BARBOSA MARENDINO é Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.
E-mail: rosane.marendino@gmail.com

HELOÍZA CARLA CARDOSO LISBÔA é graduanda de Pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF).
E-mail: heloiza_lisboa@id.uff.br

JEAN PABLO SILVA DE LIMA é Graduando em Pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF).
E-mail: jeanpablo@id.uff.br

Recebido em: 13.07.2018
Aceito em: 06.09.2018